

DOSSIÊ DA SEGUNDA SEMANA DE FILOSOFIA UESB-BA FILOSOFIA PRÁTICA: ÉTICA, ESTÉTICA E POLÍTICA NA CONSTRUÇÃO DO HUMANO

Jorge Miranda de Almeida¹

Articular vida e pensamento constitui a tarefa fundamental da filosofia desde os seus primórdios até os dias hodiernos, com raríssimas e perseguidas exceções. Os profissionais de filosofia, seduzidos e enfeitiçados pelo próprio pensar, não constataram na vida concreta as grandes lacunas entre as teorias, as retóricas e as contradições da própria vida do sujeito pensante, em seu contexto sociocultural, como é possível constatar, na sétima *tese* de Walter Benjamin, que não existe um único documento de cultura que não seja também de barbárie. Dessa forma, a assepsia filosófica tem sido uma estratégia muito eficiente para que esse profissional não participe das atividades do dia a dia dos homens, pois presente estaria se imiscuindo no senso comum e desviando-se do reino do pensamento puro, dedicado exclusivamente a quem detém o poder e as faculdades extraordinárias do pensar.

Muito profissionais de filosofia desaprenderam o que significa filosofar e onde se deve começar a filosofar e, assim, sufocam a criatividade dos discípulos e aprendentes de filosofia ao demonstrar que o exercício próprio e fecundo dessa área de saber é a *pura* teoria, enquanto a prática caberia às ciências sociais, políticas, geográficas, psicológicas, etc. Afinal, segundo esses especialistas o rigor do conceito é o que distingue o que é o ato puro do pensar daquele que é aplicado. Nessa perspectiva instrumentalizadora e reprodutora de um pensar cadavérico, a filosofia cada vez mais está ausente da vida dos homens de carne e osso e muito tem se aproximado de um pensar totalitário e com fortes implicações com sistemas que defendem um pensar único, um pensar homogêneo, um pensar que em sua essência não é pensar, mas uma forma sutil de controle social, de ajustamento social, de dominação intelectual. No presente contexto, é com *temor e tremor* que reflito sobre o diagnóstico realizado por Levinas em relação à Filosofia ocidental, quando afirma: “[...] a filosofia do poder, a ontologia, como filosofia primeira que não põe em questão o Mesmo, é uma filosofia da injustiça” (LEVINAS, 2000, p.34) e que leva fatalmente a um outro poder “a dominação imperialista, à tirania” (p.34).

Desconstruir. Transgredir. Criar. Essa é a tríade que movimenta o pensar filosófico que se mantém fiel à tradição de mais de dois mil e quinhentos anos de filosofia, mas ao mesmo tempo é capaz de situar-se, pois cada subjetividade existente é situada e datada.

¹ Pós-doutor em Filosofia pela UNISINOS. Professor Titular do DFCH da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Prof. permanente do Programa de Pós-graduação em Memória: Linguagem e Sociedade (mestrado e doutorado) e colaborador do Programa de Pós-graduação em Linguística (mestrado). Coordenador do grupo de pesquisa *Ética e educação em Kierkegaard e Paulo Freire*. E-mail: mirandajma@gmail.com.

Na árdua tarefa de edificar a si mesmo e edificar o próximo não há tempo para pensamentos universais, dominantes e desumanizantes, mas para um pensar que efetivamente seja capaz de concretizar a síntese entre o conteúdo riquíssimo da tradição filosófica e o novo, que se apresenta como possibilidade de erigir-se em novas formas de aquisição do saber. De outra maneira, é fundamental manter o rigor e a seriedade do edifício filosófico de maneira sistemática, mas sem tornar-se um filósofo de sistemas.

Nesse sentido, o tema escolhido para a Segunda Semana de Filosofia da UESB – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia foi *Filosofia prática: ética, estética e política na construção do humano*. O objetivo principal foi permitir que os estudantes de filosofia e de áreas afins pudessem pensar, investigar, refletir e problematizar as questões relativas ao sentido da existência, a fim de transformar a banalidade do mal que tornou nossas vidas em obras de arte. Dessa forma, a reduplicação do objetivo permitiu ao aprendente de filosofia um canal em que ele pudesse exercitar e amadurecer o seu pensar e ter o espaço para expô-lo. Se a possibilidade é efetivamente uma das principais categorias filosóficas, é importante que o discípulo esteja familiarizado, desde os primeiros semestres, com arte e com a liberdade de pensar o pensamento, de pensar contra o pensamento, de pensar para desconstruir o pensamento, de pensar para rachar as palavras, como provoca Deleuze, e a partir daí torna-las em novas e transgressoras palavras. Pensar não para contemplar teorias vazias e satisfazer um ego ferido, pobre e narcisista, mas para encher a terra com o sentido da palavra-sêmen em que, na transubstanciação palavra-carne-vida, o existente consiga produzir um pensar para além e para aquém do fundamento do próprio raciocínio.

Os artigos que compõem o número 7 da Revista Húmus foram construídos por estudantes que têm dentro de si muito *húmus* e, por isso mesmo, refletem e problematizam a condição do humano a partir de recortes, olhares, perspectivas, nuances diferentes, elaborando na tessitura do pensar e do fazer a *argila* da alteridade e superando a rigidez de um pensar descontextualizado e desconectado com a ambiguidade que constitui a condição mais íntima daquilo que designamos como humano.

O artigo de Gledinélio Silva Santos, intitulado *cosmologia: a sinfonia trágica de Arthur Schopenhauer*, analisa o pensamento cosmológico-estético do filósofo, observando tanto a forma linguística utilizada em sua obra, carregada de metáfora musical, quanto a questão trágica que a existência carrega *em si* na sua cosmologia. O percurso do texto evidencia um pensar que flui como num encadeamento musical, composto de ciclos que variam dentro do campo harmônico de uma peça sinfônica, caracterizada pela contemplação da beleza e do horror da existência. A harmonia é estabelecida a partir da tensão, como bem ensinou Heráclito, por isso o filósofo da vontade afirma que o homem é conflito, é violência, é vontade, enfim é natureza. Ora, ter *sublimado* essas características e

definido o homem como ser racional sem considera-las é um grande equívoco que os filósofos profissionais também precisam assumir a responsabilidade. É preciso recuperar a dimensão da ambiguidade do homem para investigar esse *mistério* em toda a sua formosura, isto é, um ser capaz de grandes atos e dos atos mais vergonhosos e que se situam na mais inumanidade que o humano é capaz.

Ícaro de Souza Farias, em *Memória, culpa e ressentimento em Nietzsche*, brinda o leitor com uma reflexão competente e que ensina aos docentes que o discente também é capaz de pensar por si mesmo e pensar *como gente grande*. O artigo analisa a maneira pela qual Nietzsche compreende a relação conflituosa entre memória e culpa e, nesse contexto, como surge a moral do ressentimento (escrava), delimitando a abordagem na *Genealogia da moral*, mais precisamente na segunda dissertação. Segundo Ícaro, o pensador de *A Vontade de poder* faz uma avaliação de como a capacidade de memorizar contribuiu, decididamente, para a criação de um homem capaz de prometer, e como o desenvolvimento da prática da promessa culminou na culpa, numa má-consciência que domesticou o homem; fez dele um ser gregário e fraco. Nesse sentido, o esforço consiste em mostrar que o ressentimento não é apenas uma mera enfermidade, mas a mais profunda delas, que instituiu a moral escrava, o instinto de rebanho e o sentimento de vingança.

Nos dias atuais, o homem vive imerso em crises de todos os sentidos, mas a maior crise é o próprio homem, perdido de si mesmo e perdido em si mesmo, concretizando a mais nefasta forma de alienação. O homem ressentido que Nietzsche evidencia é o homem atual que nem age nem realiza uma força autêntica de reação. A reflexão realizada pelo discípulo afirma que esse tipo de homem experimenta apenas uma vingança imaginária e se compraz com isso; ele verdadeiramente se alimenta do ódio; para ele o outro é sempre o culpado por aquilo que ele não consegue realizar. O ressentido, movido pela sua impotência, almeja reduzir, humilhar, torturar o outro para que, enfim, consiga sua satisfação doentia. Esta é a lógica: o homem do ressentimento vive de subterfúgio. Como ele nunca consegue se livrar da ânsia de vingança, toda mórbida força do sofrimento que ele fantasia praticar contra seu inimigo volta-se para ele. Por essa razão, ataca o outro em sua imaginação, com o intuito de compensar sua impotência.

O artigo de Rafaela do Prado Rodrigues, intitulado *A terra como grande sertão: o ser e o sertão na literatura brasileira*, a partir do conceito de geofilosofia elaborado por Deleuze e Guattari, discute a ligação do pensamento com a terra; questão por excelência da filosofia, que muitas vezes ficou escondida em algum lugar das prateleiras do mofo e do pedantismo intelectual. Os homens existem na terra. A terra é a condição da transformação da vida em existência. A autora radicaliza, pois não aborda a terra em geral, não se situa na terra alemã, como insinua Heidegger, herdeira e única capaz de filosofar

originalmente, como faziam os gregos, e também como insinuou um músico intelectual brasileiro que só se poderia filosofar em alemão. Pelo contrário, Rafaela pensa a terra a partir do sertão. Em sua análise, o sertão aparece na história brasileira como uma espécie de ponto cego, um não-lugar em que o território do país se desencontra dele mesmo, uma terra de ninguém ou um deserto nacional por excelência. Ele é o espaço de uma deserdação atávica, intrínseca, da anti ou contra-natureza, por isso mesmo ele dá origem a tipos igualmente desencontrados, inclassificáveis. Em especial, o tipo quase não-humano do sertanejo.

O movimento operado no interior do artigo conduz a uma tese que merece ser apreciada pelo leitor em que o sertanejo se torna um filósofo nato, criador do seu próprio conceito, enquanto pertencente a um território em que afeta as pessoas que habitam nesse lugar e, ao mesmo tempo, é afetado por elas, adquirindo o estatuto de sentido e significado. Essa operação é evidenciada pela autora quando se propõe a analisar o sertão, dialogando João Guimarães Rosa, sobretudo a obra *Grande sertão: veredas*, com Guattari e Deleuze. Ousadia de nordestina.

Guimarães Rosa é um legítimo filósofo brasileiro e a personalidade de Riobaldo, representa, por excelência, o pensador nordestino. A tese de Rosa é que a natureza da gente não cabe em nenhuma certeza e o autor descreve a saga do sertão e do ser do sertanejo. É um tornar-se homem que se revela um ser que especula, que pensa. Em suas andanças pelo sertão, não havia muito tempo para exercitar o pensamento, mas o tempo, estabelecido agora por ele mesmo, pode permitir as especulações, conforme se constata na referida obra:

De primeiro eu fazia e mexia, e pensar não pensava. Não possuía os prazos. Vivi puxando difícil de difícil, peixe vivo no moquém: quem moi no asp'ro, não fantasia. Mas agora, feita a folga que me vem, e sem pequenos desassossegos, estou de range rede. E me inventei neste gosto, de especular ideia. (ROSA, 1985, p.26)

Grande sertão: veredas é um livro de metafísica e deveria ser estudado como um clássico nas graduações e nos programas *strictu sensu* de filosofia em todo o Brasil. Deus, o diabo, a liberdade, o bem, o homem, o tornar-se, a melancolia, são temas carregados de sangue ao invés de tinta de caneta. Afinal, como diz Rosa, “uma coisa é pôr ideias arranjadas, outra é lidar com país de pessoas, de carne e sangue, de mil-e-tantas misérias” (ROSA, 1985, p. 14)

O artigo *Kierkegaard: da relação entre existência e pensamento no Post-scriptum conclusivo não científico*, de Leonardo Araújo de Oliveira e Jorge Miranda de Almeida, é fruto das leituras realizadas no grupo de pesquisa em Kierkegaard e Paulo Freire. A tese apresentada no texto é recolhida da obra de Kierkegaard, em que numa tensa discussão

com Hegel (novamente a relação mestre e discípulo) o pensador dinamarquês discorda do mestre e evidencia as diferenças entre ser um pensador autenticamente sistemático, rigoroso no sentido forte do termo, como exemplifica ser o caso de Aristóteles, e ser um pensador de sistemas ou de *puras* teorias, como afirma ser o caso de Hegel (o mestre). O nó da tensão reside na afirmação de que a ideia do sistema é a identidade de sujeito-objeto, a unidade do pensamento e do ser; a existência é, com efeito, precisamente, a separação. O que isto quer dizer? Nessa tensão, reside uma concepção de verdade que percorre toda a tradição filosófica, a saber, a identificação entre ser e pensamento, entre verdade e conceito. A existência enquanto devir rompe com essa lógica, exatamente porque o devir da existência e a concretização do existente não se deixam capturar em conceito no presente, apenas no passado e aí não seria um ato filosófico, mas um estudo pertinente da História ou do futuro e aí permaneceria no campo das hipóteses e probabilidades, como o famoso canto da sereia, mas sem veracidade nenhuma.

A citação extraída do *Post-scriptum* é pedagógica e, mesmo se tratando de uma apresentação, é pertinente apresentá-la para que o leitor possa sentir-se estimulado (ou não!) às provocações que o artigo pretende levantar. Eis a tese:

um sistema da existência (*Tilværelsens System*) não pode haver. Então não existe um tal sistema? De modo algum! Isso não está implicado no que foi dito. A existência mesma é um sistema – para Deus, mas não pode sê-lo para algum espírito existente. Sistema e completude se correspondem mutuamente, mas existência é justamente o contrário. Visto abstratamente, sistema e existência não se deixam pensar conjuntamente, porque, para pensar a existência, o pensamento sistemático precisa pensá-la como superada (*ophævet*) e, portanto, não como existente. Existência é o que abre espaço, que aparta um do outro; o sistemático é a completude, que reúne. (KIERKEGAARD, 1993, p. 322)

A experiência existencial não se permite ser ultrapassada pela especulação sistemático-filosófica. Kierkegaard não cessa de combater a adequação da vida ao reduto biológico do homem definido como ser que nasce, cresce, reproduz, envelhece e morre. A vida humana é, sobretudo, existência, concretizada no mundo e relacionada ao outro, às outras existências, que estarão, por sua vez, concretizadas somente nas escolhas e na assunção da singularidade de cada uma, na descontinuidade do mundo de possibilidades, ativado em relação à auto-posição da subjetividade que, na abertura para concretizar a escolha de si mesmo, rompe com a lógica do sistema, porque estabelece a si mesmo como singularidade numa relação com *O Poder* transparente que o põe e que não cabe na estrutura do sistema que se mantém prisioneiro da imanência.

Por sua vez, Jaquissom Aguiar Guimarães e Ernesto dos Santos Ribeiro Neto, no artigo *O conhecimento cartesiano na construção do ser humano*, colocam-se numa perspectiva diferente da abordagem de Almeida e Oliveira em relação a Kierkegaard. Para os aprendentes, que estudam com seriedade Descartes desde os primeiros semestres da

graduação, conhecer para o filósofo francês é estabelecer um método rigoroso para utilizar a razão como forma de conduzir melhor a vida. Na abordagem realizada pelos autores do artigo, há uma tendência de provocar um Descartes de cunho mais existencial, porque entendem que o *Cogito* é construído na interioridade, na procura de elaborar o melhor possível a si mesmo, para que possa servir aos costumes do país e a Deus. Para a execução do artigo, aborda-se a existência de Descartes. Seu percurso para um conhecimento autêntico, que se concede através do indagar a realidade humana, abandonando a exterioridade para o encontro de si, enquanto tarefa humana, é um caminho rumo à sabedoria, a um agir consciente, conduzido sempre através de dúvidas e não se satisfazendo com as respostas parciais.

Jaquissom e Ernesto recolhem de Descartes uma advertência que oferecem ao leitor deste número 7 da Revista Húmus e é preciso segui-la ao pé da letra, para não correr o risco de tropeçar nos próprios pés. Segundo Descartes: “sou um autor apenas para ser lido por aqueles que querem meditar seriamente comigo e que querem e podem desviar o espírito dos sentidos e de todos os prejuízos – e que há muito poucos desses, bem o sei” (DESCARTES, 1988, p. 94). O que significa meditar seriamente para Descartes? Qual o método para desviar o espírito dos sentidos e proceder filosoficamente em direção ao conhecimento de si mesmo? Teria sentido a tese de que Descartes foi o fundador da subjetividade moderna? São questões que o leitor encontrará no interior do artigo e, mesmo escrito com muita modéstia, como afirmam os autores, são questões que dão o que pensar e que certamente contribuirão para retirar o pensamento do lugar de conforto em que se encontra.

Maria Eduarda, no artigo intitulado *A relação entre ato e potência na metafísica de Aristóteles*, expõe o tema da relação entre ato e potência em Aristóteles, apresentada especialmente no livro IX da *Metafísica*. A relação entre ato e potência pressupõe a difícil questão do movimento e da mudança e que é a grande querela entre Kierkegaard e Hegel, posto que ambos discordam quanto ao conteúdo do movimento, sendo que o primeiro estabelece o paradoxo e o segundo a mediação. Mas a contribuição de Maria Eduarda não reside no interior dessa polêmica, esta apenas uma indicação ao leitor de que os aprendentes em filosofia, quando são incentivados e encorajados, conseguem pensar e produzir por si mesmos.

Aristóteles é um pensador no sentido legítimo do termo e reconhece que não é possível demonstrar logicamente a realidade de todas as coisas, sendo necessária a utilização de analogias. Em relação à dicotomia entre ser e devir, o filósofo propõe explicar o movimento se deparando com a tarefa de garantir a existência concreta do ser, sem negar, contudo, o movimento presente na natureza. Segundo Aristóteles, os seres realmente existentes os são em ato, pois só o ato pode existir presentemente. Já a potência

é o que o ente pode vir a ser, fazer ou produzir. Evitando a contradição por meio da interpretação analógica da noção de ser, Aristóteles propõe que se faça uma distinção quanto ao ser. Este, não é apenas o que já existe em ato, mas também é o que *pode vir a ser em ato*, ou seja, o que existe em potência. Assim, sem contrariar qualquer princípio lógico, ele estabelece que uma substância, em um dado momento, apresenta certas características e, em outro momento, apresenta características diferentes.

O texto de Everton de Jesus da Silva, intitulado *A ética aristotélica como caminho que conduz o homem a felicidade plena*, aborda a mais importante das contribuições do pensamento grego para investigar a condição humana, isto é, a ética. Com todas as implicações em relação a sua concepção de homem, mas reconhecendo que cada pensador é filho do seu tempo e de sua cultura, Aristóteles estimula o estudo e a reflexão em torno do fundamento, por excelência, que norteia o existir humano: a felicidade. De outra maneira, estimula a construção do sentido para o existir e, se é que é possível, um sentido para o sentido, já que em seus estudos o caminho é realizado no interior de uma vida ética. O trabalho de Everton tem como objetivo demonstrar a importância da ética para o homem. A intenção da ética é conduzir o homem ao Sumo Bem, ou seja, à felicidade (*eudaimonia*). A ética do Estagirita é nitidamente teleológica.

O artigo investiga o que é o bem supremo para o homem e analisa a ética aristotélica no plano prático e metafísico. O leitor não encontrará um tratado no presente artigo. É oportuno esclarecer que se trata de um artigo de um aprendente. Muitas lacunas e imprecisões estão contidas no desenrolar do texto. Mas, como o discípulo amadurecerá se não expuser seus pensamentos? Não é realizando ações éticas que o homem se torna ético, como ensina um dos pais da ética ocidental? Ora, não tem a mesma importância o exercitar da escrita? Se o espaço das Revistas for apenas para os catedráticos e os pensadores de renome, como esses novos discípulos irão construir maturidade para superar os respectivos mestres?

A ética é classificada por Aristóteles como uma ciência prática e não teórica. Isso implica dizer que está relacionada com a conduta humana, ou seja, com o seu modo de se comportar e agir com os demais. Embora fundamente que a ética é uma ciência da práxis, é perceptível a existência de uma metafísica nela. Esta é definida por Aristóteles como uma busca da felicidade dentro da realidade humana; caso o homem se esforce para atingir essa excelência, isso o tornará uma pessoa virtuosa. Mas o que seria um homem virtuoso para Aristóteles? Segundo o Estagirita, o homem bom e virtuoso é aquele que alia inteligência e força, que utiliza adequadamente sua riqueza para aperfeiçoar seu intelecto. A virtude, ou a excelência moral, resulta do hábito, de sua prática. Quanto mais o ser humano exercitar a virtude, mais virtuoso será. A ética é, portanto, o estudo do comportamento, das ações, das escolhas e dos valores humanos. A ação ética, em

Aristóteles, requer um equilíbrio, ou seja, é necessário fazer o uso do meio-termo que objetiva ajudar o homem a agir sempre de maneira equilibrada, evitando, assim, o excesso ou a falta, o que se caracterizaria um vício. No livro X da obra *Ética a Nicômaco*, Aristóteles define a perfeita felicidade como uma atividade contemplativa. Por intermédio da contemplação, a pessoa adquire hábitos que se praticados levam à felicidade.

Edna Maria Souza Rabelo e Jorge Miranda de Almeida enveredam em *Por uma crítica da fluidez moderna, segundo Bauman e Kierkegaard, através das redes sociais* em um campo minado, a partir da relação entre linguagem, comunicação e ética em confronto com as redes sociais. Os autores entendem que as redes sociais operam uma subjetivação da subjetividade e uma despersonalização da singularidade humana, proporcionando exatamente o contrário do que se alardeia como sendo as redes sociais lugar de encontro, de aproximação, de comunicação e de realização. Nesse contexto, as redes sociais atuam como forma exemplar de ajustamento e controle social, induzindo os indivíduos, seres sociais e políticos por natureza, como sentenciou Aristóteles, a uma vida fragmentada diante de uma tela e, em pouco tempo, viciados, como constantemente denunciam os estudiosos da mente e do comportamento humano.

O artigo afirma também que seja em *Blogs, Facebook, Twitter, Orkut, LinkedIn* ou *Google+* é perceptível que a rede social é aberta, livre e catalisadora de todo o tipo de indivíduo e interesse. Porém o fato de ser aberta também desperta questões éticas de primeira grandeza que não podem passar despercebidas, e que o leitor poderá posicionar-se a partir das provocações contidas no ensaio como, por exemplo: qual é o limite dessa liberdade catalizadora? É catalizadora a partir de qual ótica? Qual é o tipo de comunicação e linguagem utilizadas? Quem são os responsáveis pelo conteúdo exposto nas redes? Se não existem responsáveis, teria razão Bauman, ao sentenciar a liquidez e a efemeridade dos atos humanos? É correta a tese de Kierkegaard de que vivemos na idade de ouro da conversa fiada e da tagarelice, onde tudo se comunica, menos o mais importante, que é a verdade? As questões essenciais da filosofia, como o que é a verdade, quem é o sujeito da verdade, para que e para quem se comunica a verdade e qual é o critério do estabelecimento da verdade são fundamentais para entender que tipo de indivíduo, sujeito ou pessoa está estabelecendo a relação no campo de abordagem do trabalho realizado.

O artigo *A constituição do sujeito através dos saberes sobre si*, de autoria de Adenaide Amorim Lima, pode ser contemplado em continuidade com as provocações do texto de Rabelo e Almeida, pois quem é o indivíduo real e quem é o indivíduo virtual que habitam as redes sociais? Quem é o sujeito da sociedade neoliberal? Como se constitui o sujeito? Até que ponto nossos saberes se limitam àquilo que foi registrado? Que saberes, realmente formam nossa identidade e nos constitui enquanto sujeitos? Os saberes documentados nos valorizam ou nos rotulam? Adenaide afirma que todo processo

educacional, seja ele formal ou informal, é importante na constituição do sujeito, porém somente um é valorizado: aquele que pode ser registrado, documentado e quantificado. Em boa medida, os sujeitos são classificados de acordo com os saberes formais. Para a lógica capitalista, vale o quanto e o que está registrado sobre o que você sabe e, isto, diz muito sobre você. A educação informal, na contramão da visão capitalista sobre o conhecimento, procura valorizar o sujeito enquanto tal, e não apenas o que ele sabe e interessa ao mercado. A educação formal, interroga a autora, está desenvolvendo em nós uma capacidade de criadores ou ela é um simples adestramento?

Referenciada pela qualitativa obra de Foucault, intitulada *A Hermenêutica do Sujeito*, Adenaide provoca o pensamento da constituição de si no interior da dicotômica educação formal e informal brasileira. A pretensão é demonstrar o quão falacioso é o procedimento da educação formal brasileira. Nosso processo educacional é dualista e classificatório. Não há compromisso com a verdade, mas tão somente com o mercado. Nosso modelo educacional, apesar de cientificista com suas provações e comprovações, está longe, sobremaneira, de elaborar saberes em proveito da verdade, porquanto o sujeito em si, e tudo que lhe é realmente caro, está sendo, cada vez mais, deixado de lado.

Danilo Moraes Lobo, no artigo intitulado *As implicações estéticas sobre o conhecimento em Nietzsche*, apresenta as implicações estéticas sobre o conhecimento, em Nietzsche, na medida em que o filósofo postula, no seu *Sobre a verdade e a mentira no sentido extra-moral* (1873), a existência de um sujeito *artisticamente criador*, o qual é esquecido, no momento em que o homem, historicamente, assume uma “autoconsciência”, momento em que o potencial metafórico da linguagem é reduzido, progressivamente, ao aspecto moral na produção de conceitos. Segundo Nietzsche, o estabelecimento de uma malha conceitual se justificaria pela tentativa do homem de conquistar uma certa segurança e tranquilidade, mas o que de fato sobressai é o desvelamento de uma fraqueza na qual o homem sente necessidade de estabelecer uma ordem linguística, frente à desconexão reinante no mundo. O autor discute as relações entre arte e conhecimento, destacando a proeminência de alguns expedientes implicados no intelecto, na busca pela afirmação de um suposto saber veraz, tais como: dissimulação, fantasia, imaginação e sonho. Elementos estes, analisados sob uma perspectiva estética, os quais subsidiam a reversão e a crítica nietzschiana à concepção substancial sobre a verdade, cujos pressupostos estariam ancorados em perspectivas morais.

O artigo de Danilo é provocativo e pedagógico, pois demonstra que Nietzsche tem um objetivo ao utilizar as metáforas como forma de desestabilizar a linguagem conceitual, o que reduzia drasticamente o movimento do pensamento, já que se ambiciona com o intelecto obter pontos fixos de onde se possa partir, frente à transitoriedade reinante. A

busca pela rigorosa conservação do sentido das palavras implicaria num esquecimento das suas bases metafóricas. Desse modo, Nietzsche irá tratar dos conceitos enquanto metáforas residuais, palavras desgastadas pelo uso corrente e que adquirem um sentido sagrado para as coletividades, tendo em vista as possibilidades de comunicação e compartilhamento das experiências subjetivas. A estabilização linguística servirá, portanto, ao regramento social no qual os homens se sentem seguros e identificados a um bem impessoal, mas sendo, de fato, constrangidos a participarem do rebanho.

Zacarias Pires Pereira propõe uma reflexão sobre a bioética e mexe com questões complicadas que estão diretamente relacionadas ao sentido da existência humana, à ética (ou sua ausência) e a questões como a eutanásia e a distanásia. O artigo é intitulado *Eutanásia e distanásia: bioética e ação médica*. Novamente é preciso que o leitor crítico, que já tenha percorrido um caminho em direção à maturidade intelectual e que domine as questões fundamentais da bioética, tenha um pouco de clemência com o aprendente que se esforçou por produzir um texto que contemple os seus anseios e as suas angústias existenciais. Possivelmente, esse texto seja um marco que direcionará suas atividades no campo da filosofia e no recorte necessário a uma investigação profunda. O que motiva uma investigação filosófica sobre a condição ou a incondição da dignidade ou da não dignidade da existência humana?

O autor evidencia que a vida é um bem apreciado por todos: poetas, filósofos, teólogos e cientistas, enfim, todos os homens se encantam diante do mistério que é viver. Mas, a quem compete decidir sobre o início ou fim de uma existência? A vida e a existência são sinônimos? Uma pessoa, em estado de coma terminal, deixa de ser pessoa? Se não é mais pessoa, o que se torna para adquirir o epíteto de vida vegetativa? É apenas a razão e a consciência que determinam a diferença entre ser pessoa e ser vegetal? Poderia chegar um momento em que viver não seria mais viável, pelo fato de a existência, em dadas condições, não ser mais digna? Essas questões são abordadas pelo autor e servem como alimento para que o leitor possa buscar suas próprias respostas que ofereçam melhor compreensão sobre a vida humana.

Os artigos selecionados que compõem o número 7 da *Revista Húmus* são argilas ainda em estado quase bruto. É preciso que o próprio tempo, as mãos e as mentes dos aprendentes possam ir moldando a terra molhada com a água do suor do próprio trabalho intelectual para que a lama se transforme em obra de arte. Não se nasce pronto. Não existe um filósofo pronto. Aventura-se. Arrisca-se na existência. Para que o salto tenha bons frutos é importante que o discente tenha bons incentivadores para que ele possa realizar voos nas alturas e não se contente com a segurança do conhecimento puro, pois quem não é ave não deve voar sobre os abismos.

É inestimável a gratidão a tão generosa atitude do professor Wellington Lima Amorim em nos oferecer um número da Revista Húmus para publicação de artigos apresentados em forma de comunicação durante a realização da II Semana de Filosofia da UESB, em novembro de 2012. Os autores das 81 comunicações foram convidados a apresentar, em forma de artigos, as comunicações apresentadas no evento e, daqueles que aceitaram o desafio, os onze selecionados, a partir de cuidadosa análise e parecer de dois pesquisadores das respectivas áreas, são apresentados ao leitor para apreciação e diálogo com os aprendentes.

A disposição dos editores da Revista em nos brindar com a apresentação dos trabalhos de estudantes de Filosofia da Região do Sudoeste da Bahia nos cursos de Licenciatura em Filosofia da UESB – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – e da UESC – Universidade Estadual de Santa Cruz – constituiu uma ação nobre e rara no competente mercado editorial brasileiro, cada vez mais sedento e sedutor de mentes brilhantes e de currículos fechados para elevar o nível de avaliação da CAPES. Nesse sentido, ao colocar respeitabilidade e credenciais da Revista para abrigar nossos artigos, sentimo-nos irmanados no desafio constante de transgredir, para possibilitar a imersão do novo, desses novos aprendizes sedentos por construir uma filosofia datada e situada com sangue nas veias e entranhas de seus autores.

REFERÊNCIAS

- DESCARTES, René. *Meditações sobre a filosofia primeira*. Coimbra: Livraria Almedina, 1988.
- KIERKEGAARD, Soren. *Opere*. Milano: Sansoni, 1993.
- LEVINAS, Emmanuel. *Totalidade e Infinito*. Lisboa: Edições 70, 2000.
- ROSA, Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.